Cadernos Macambira (ISSN 2525-6580)
*V. 4, N°2, 2019. Página **107** de **236***
Anais da 6ª Jornada de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/ E-mail: cadernosmacambira@gmail.com

TRAÇOS DE IDENTIDADE

GINALDO FERREIRA MORAIS
ginaldoferreiramorais@gmail.com; Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrárias; CFP-Amargosa-UFRB;
MARIANA SANTANA DE DEUS
santanadedeus@outlook.com; Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrárias; CFP-Amargosa-UFRB
ROGÉRIO GONCALVES DOS SANTOS
dos santos.gonc@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Dia 27 de julho de 2017, A visita ao MAFRO – BA buscou-se conhecer historicamente a identidade cultural dos povos afro descendentes. Pois o que se reconhecia do senso comum a partir da ideologia do catolicismo. Um conhecimento controverso da realidade dos costumes culturais, dos deuses e os pertencimentos afro-brasileiros.

As relações étnicas raciais que se constituíram na sociedade, percebem-se de alguma maneira, muito das vezes torna-se invisível entre negros e brancos. A discriminação racial com o legado da cultura tende-se o grau de preconceito, inferioridade em relação ao negro imposta historicamente, os deuses a sua cultura, saberes, visto como algo de ruim, perante uma sociedade doutrinada pela classe hegemônica em toda sua história desde seus antepassados. A respeito das Relações Étnicas Raciais tem um pertencimento de valorização de identidade cultural do legado e a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma extensão de memória temporal e especial. No latim medieval, a opinião de raça passou a designar à descendência, a linhagem, a cultura de identidade, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, (ipso facto), onde algumas características físicas em comum dentro dessa vivência. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças.

Segundo Munanga (2003) o racismo enquanto conceito e realidade já foram objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso sobre essas realidades no cotidiano, não lhe

atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta da concordância até na busca de soluções contra o racismo no Brasil.

Observando este deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista onde então o modo se pensar o racismo quer dizer que é uma ideologia criada na cabeça das pessoas para criar divisões de classe e até mesmo cores, não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. Portanto o que dizem sobre raça, na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. O objetivo geral dessa atividade; Conhecer as Relações Étnicas Raciais e saberes da cultura da Matriz Africana. Objetivos específicos; Compreender a contextualização histórica afro-brasileiro; Refletir a situação construída historicamente pela sociedade branca.

DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA

A respeito das Relações Étnicas Raciais tem um pertencimento de valorização de identidade cultural do legado e a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma extensão de memória temporal e especial. No latim medieval, a opinião de raça passou a designar à descendência, a linhagem, a cultura de identidade, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, (ipso facto), onde algumas características físicas em comum dentro dessa vivência. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças.

Segundo Munanga (2003) o racismo enquanto conceito e realidade já foram objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso sobre essas realidades no cotidiano, não lhe atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta da concordância até na busca de soluções contra o racismo no Brasil.

Observando este deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

RESULTADOS

A partir das análises Fala da historiadora no MAFRO em Salvador -Ba.

> ‘’ O povo conhece a história do orixá Iemanjá como se fosse uma sereia de cabelos longos, cor branca e que é uma mulher. Não é uma sereia,

> Iemanjá é o próprio mar e é representada da forma mais próxima possível. Uma mulher negra, cabelos crespos, lábios grossos com seios fartos. Por isso que as mulheres são sagradas e importantes para muitos povos da África Como o catolicismo no Brasil queria catequizar os africanos, e os próprios africanos tinham que cultuar seus orixás, a saída que tinham era relacionar com o Deus e os santos do seu opressor. Por isso o Sincretismo, mas a gente não usa mais o Sincretismo. O Sincretismo é quando duas culturas se implicam com a concordância de ambas as partes e isso foi o que aconteceu. Por isso que a Iemanjá foi prateada, transformada em uma mulher branca.'' (Fala de Matheusa, guia do MAFRO, 27/07/2017)

No campo empírico considera-se que os orixás de Iemanjá, na contextualização da igreja católica e pela sociedade em si repassam essa história de forma destorcida a matriz africana pela qual razão fundamenta essa logística de como cultura afro-brasileiro deu-se no Brasil com uma relação de acreditar que os orixás são elementos ruins para a população.

Ferreti (1998) Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição do evolucionismo e do colonialismo.

> '' É importante dizer que o candomblé é uma religião Afro-Brasileira e não existe na África. O candomblé nasceu no Brasil, por que ele nasceu da junção de diversos deuses, de diversos elementos africanos dos povos da Nigéria e outros. Candomblé significa culto aos ancestrais, toda vez que o ritual acontece dentro do candomblé, o que está acontecendo é uma festa, uma dança com a presença dos ancestrais, pessoas mais velhas que já viveram e representam essas divindades.'' (Fala de Matheusa, guia do MAFRO, 27/07/2017)

Em nossa realidade o candomblé é visto como uma manifestação de ato, um espírito encarnado na pessoa humana, onde a população reconhece como um ato ruim, o preconceito e exclusão sobre tal religião.

'' Um ancestral é diferente de um orixá, o orixá é uma divindade, o ancestral é alguém muito importante de uma comunidade que viveu e por causa da importância dessa pessoa, ele acaba se tornando um ancestral que é como se fosse um espelho.'' (Fala de Matheusa, guia do MAFRO, 27/07/2017).

Conforme Ferreti (1998) no imaginário e na expressão artística afro-brasileira, os orixás costumam ser caracterizados com atributos de santos católicos, quase todos brancos, como por exemplo, o guerreiro romano, pelo qual Ogum é representado em muitos candomblés. Vários outros orixás são também caracterizados assim. Além disso o calendário da maior parte dos cultos afro- -brasileiros, como não podia ter sido diferente, é construído basicamente em cima do calendário ocidental cristão.

A fala do Sr. Clarindo constatou-se uma profunda exclusão e preconceito da sociedade, quando o mesmo relata que a "professora pergunta a ele o que ele quer ser profissionalmente ele diz, advogado, e a mesma responde "advogado preto". Isso é revoltante pois a sociedade historicamente construiu discriminando a relação profissional entre pretos e brancos.

Segundo Sr. Clarindo por ele ser negro e ser sexagenário sofreu alguns preconceitos, mas, em resposta a todo tipo de discriminação ele se considera uma pessoa que quebra paradigmas. Foi homenageado, teve seu nome vinculado ao livro dos Records por ser provedor da melhor Caipirinha do Brasil, além de ser um grande historiador que relata muito bem a história do Pelourinho em Salvador capital da Bahia. A maneira em que o negro se qualifica, em conhecimento de refletir a realidade que ganha espaço, constroem conhecimento, mesmo assim há discriminação, assim como diz Bento (2002, p. 26), "quanto mais aumenta a escolaridade do negro mais a discriminação se revela nos diferenciais de remuneração entre negros e brancos".

CONCLUSÃO

Esta viagem de campo identificou comportamentos, saberes populares e tradições culturais que contribuem na exploração do conhecimento da história do Pelourinho da identidade do lugar em Salvador Bahia, que figure como uma relação étnica raciais, como permanência de identificação das gerações vivida na época da escravidão.

O MAFRO tão quanto o Pelourinho em que se situa, reflete historicamente, as marcas da superioridade de uma raça branca sobre a negra. Um exemplo marcante são os casarões e igrejas construídos por mão de obra escrava sobre um forte regime autoritarismo em que eram submetidos, além de peças expostas no museu que retrata uma cultura de origem africana que não se perdeu mesmo sendo trazidos para o Brasil. Nesse entendimento, a visita aos marcos históricos em Salvador, proporcionou no entanto, que tivesse um entendimento das relações étnico-raciais de algumas décadas passadas até a atualidade, de modo que contribuiu com a compreensão da história e alongando o grau de conhecimento enquanto acadêmicos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

BENTO, M. A. S., **Branqueamento e Branquitude no Brasil** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58). Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf.>.

FERRETI, S. E., **SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO E RESISTÊNCIA CULTURAL**, Universidade Federal do Maranhão – Brasil, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Reafricanização e Sincretismo no V. Congresso Afro-Brasileiro realizado

em Salvador entre 17 e 22 de agosto de 1997. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100010>.